

MARQUES, Pedro. *Saques & Sacanagens: ensaio das dores brasis (2013-2020)*. Desenhos Paulo Ito. São Paulo: Editacuja, 2021.

Cleber Vinicius do Amaral Felipe¹

Existem poemas e imagens intercaladas ou justapostas que, amparadas no gênero satírico, instrumentalizam enunciados anacrônicos para retirar o leitor da cômoda zona de conforto na qual se mantém para não escassear suas energias indagando sobre o que tem causado a ruína do Brasil? Representações poéticas e iconográficas que regressam no tempo e imitam/mobilizam repertórios históricos provenientes de fontes escritas que circulam desde os tempos coloniais? Esboços que, estampados na capa e quarta-capa, vestem o cavaleiro de Pedro Américo com a camisa da CBF e o condecorado Duque de Caxias com uma máscara cirúrgica?

O que dizer de um livro que, repleto desses poemas e imagens, figuram profecias *post-factum* ou memórias recentes antevistas num passado recuado para conceder uma perspectiva inverossímil e relativizar certezas da moda que, a despeito de sua inconsistência, se espalham com enorme adesão, seguindo os rastros mortais da pandemia? O leitor já encontrou poemas e imagens que irromperam em tempos sombrios para tingir as trevas com luzes caricatas que proporcionam riso e reflexão? Que deformam cenários, povos, fidalgos e *fake news* para amplificar comportamentos vis e supor, inversamente, a urgência de virtudes que possam sobrepujá-las?

O que pensar de um livro que reúne versos e desenhos cômico-sérios e que recobra, na epígrafe, uma série de verbos do *Dicionário Analógico da Língua Portuguesa* que remete a variações do gesto de apropriar-se de algo pertencente a outrem, como furto e rapina? De versos que emulam autores do século XV em diante para dizer o que não disseram a partir de

¹ Professor do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. cleber.ufu@gmail.com. ORCID: 0000-0002-3930-3936.



predicados e recursos estilísticos que empregaram? De uma obra que integra a *Coleção Caravelas* e principia parodiando carta que Pero Vaz de Caminha despachou para El-Rey D. Manuel I, O Venturoso, em 1500? Que incorpora, nesta missiva, versos que seriam consagrados setenta e dois anos depois, com a epopeia lusíada? E tudo para justapor ao tom cortesão e discreto da epístola elementos libertinos capazes de fazer corar o catolicíssimo e nobre destinatário? Como lidar com um sermão do padre Antônio Vieira que, com seu estalo divino e barroco, antevê com precisão tão cirúrgica quanto a máscara do duque de Caxias os efeitos do celular, do crediário e do Coach? Questiona o jesuíta: “Para que rasgamos os mares nunca dantes navegados, Senhor?”. As forças centrífugas que instaram as grandes navegações não foram as mesmas que alimentaram “as contas do Inferno no Twitter”? Não é necessário dizer que as palavras são de Vieira, e não minhas, certo? Quem foi, no final das contas, o autor da *História do Futuro*?

O que esperar, por fim, de um poema que representa o hiato entre Alexandre da Macedônia, que guardava sob o travesseiro um exemplar da *Ilíada*, e o atual governo brasileiro, que faz pilhéria da ciência e da cultura? Seria possível recobrar, com seriedade, a tópica “Letras e Armas”, que animou a poesia camoniana, para falar do Brasil de 2021, que usa a letra para celebrar a ruína da cultura?

Ora, o leitor ou leitora desta resenha não esperaria encontrar um esforço hermenêutico no sentido de decifrar um condensado de sátiras e abalar seus fundamentos, não é mesmo? Pois, se o efeito depende desse expediente, não seria um desserviço anular a técnica que proporciona o riso e, portanto, o desconcerto? Desvelar o enigma não seria o mesmo que dizer “não leia o livro, pois as respostas estão aqui, com economia verbal e as facilidades da prosa”? E, mesmo se tivesse as habilidades de Édipo, esta é uma Esfinge de muitos recursos e ardis: como subjugar-la sem incorrer em *hýbris*?

Afinal, o leitor tem em mãos uma resenha ou um questionário? Se o intuito era obter respostas, não seria mais oportuno buscá-las no objeto resenhado? Indicá-lo-ei: *Saques & Sacanagens* (já era tempo de uma assertiva, não?). O que pensariam os estimados leitores e



leitoras se dissesse que o livro em questão alia os dotes poéticos de Pedro Marques e os desenhos implacáveis de Paulo Ito? É preciso dizer mais?

Em passo derradeiro, a voz poética do livro admite adotar a sátira para descolonizar o pensamento; ela descortina a hipocrisia cortesã e a discrição enunciativa que dissimula o mercantilismo e a violação do bárbaro sem fé, lei e rei; ela diz que buscou deslindar trânsitos entre a “barraca colonial” e o “barraco pós-moderno”. Só faltou o Barroco no repertório dos anacronismos. A obra desbrava, com desenvoltura, a “via de mão dupla” que estabelece conexão entre dois extremos (1500-2021) e, com isso, “atualiza a ruína pretérita” e “anacroniza a violência das chagas atuais” (p. 65). E haveria melhor motivação para produzir arte? Homero não cantou a ira funesta de Aquiles e os inumeráveis infortúnios de Odisseu? Os primeiros historiadores gregos não se detiveram em assuntos bélicos? O nascedouro da poesia e da história ocidentais se vinculam às ruínas do tempo e à finitude humana, passível de esquecimento. Se, por um lado, como comenta Zeus em concílio no canto I da *Odisseia*, os homens tendem a amplificar seus males, como fez Egisto ao maquinar, com Clitemnestra, a queda do atrida Agamêmnon, sem peripécias não haveria razão para investir em poesia, que parece encontrar solo propício em momentos críticos e tumultuados. Materializar, no passado, sujeitos históricos com dotes proféticos fictícios que antecipam nosso presente arruinado: se a técnica em questão, de Pedro Marques e Paulo Ito, por si só, já não é um convite à leitura, que o interesse recaia na natureza do empreendimento, “sem lenço verde e amarelo” (p. 66), que imagino serem as cores que cobrem o corpo caricato de Maria Leopoldina (originalmente, um Debret), estampada com pompa, viço e sacola de grife na orelha de *Saques & Sacanagens*. Ao fim e ao cabo, é como este resenhista diria a primeira oitava de um certo poemeto que o cânone alçou às alturas, com a consequente apoteose de seu bardo:

Com armas e varões arrebanhados
Queda vil da província milicianiana [...]
E entre gente teimosa edificaram
Novo desgoverno, Hades parelhado;

